

ÍLHAVO | **Festival Rádio Faneca:** uma década a criar cultura em comunidade

A Rádio Faneca, para além de grandes nomes do indie nacional, como Filipe Sambado e B Fachada, levou os locais para a rua e os convidados para dentro de casa dos ilhavenses, sempre num compromisso de não separar a cultura das pessoas, num evento que insiste em tratar o público por tu.

Nos anos 60, no Jardim Henriqueta Maia, montou-se uma cabine sonora, aos domingos à tarde, quando sempre faltava programa, e dava-se música a Ílhavo, com direito a discos pedidos. No verão, quando os locais iam à praia, o posto musical acompanhava-os à Costa Nova. Era a Rádio Faneca.

“Aquilo que se propõe é que as pessoas vivam o espaço público de forma plena. Há programação para todos e uma importante ligação de nascença e pertença ao centro histórico de Ílhavo, que permite vivência com as pessoas do bairro, com os concertos nos becos e cultura em todos os cantos e recantos”, convidava Mariana Ramos, vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Ílhavo, na véspera do arranque.

O Festival que encheu o concelho de teatro, conversas, histórias de bruxaria, velharias, partilhas e concertos, nos dias 16, 17 e 18 de junho, organizado pelo projeto cultural municipal 23 Milhas, não esqueceu as origens e abriu a “Rádio Faneca – Ílhavo a transmitir Alegria” com frequência 103.9 e um convite: “dedica um disco pedido a um amigo, familiar, amor ou alguém asqueroso. É a brincar. Isto é só amor”.

O centro histórico acolheu centenas de famílias, com a preocupação de servir todas as gerações, desde as crianças que desenhavam e se entretinham com jogos de tabuleiro na Oficina do Brincar e as que desvendavam as estruturas de madeira dos Jogos do Hélder; até às mãos vividas

que bordavam as frases “Adoro ser Cusca” e “Bora te Beio” nos sacos de pano feitos pela Maior Idade, área de intervenção municipal dedicada ao envelhecimento ativo.

Os sacos, as t-shirts e os pins com ditos como “vai passear menino/a”, “o que é o comer?” ou “sossega, filha/o”, permitiram levar para casa um pouco do espírito Faneca. “Todo o linguajar assenta na forma como parliamo diariamente. Não temos interesse em que o Festival assuma contornos descontextualizados daquilo que é o território, muito pelo contrário. O que a Rádio Faneca oferece é a autenticidade do lugar”, finda a vereadora.

Comida para ler

Ao fim de dez anos, num Ílhavo decorado com mobília resgatada e pintada de cores vivas em tons pastel, o certame assumiu-se como “nota de repúdio ao piloto automático”, num convite “à deambulação, à contemplação e à leveza necessárias para ficarmos absolutamente especados a olhar uns para os outros e para o que está à nossa volta como se fosse tudo novo”, escreviam no manifesto “A culpa talvez seja da rotina”. E assim foi.

As atuações em becos que pertencem ao dia-a-dia dos locais foram umas das materializações desse manifesto. A iniciativa Casa Aberta, marca do Faneca há oito anos, foi outra, desta vez, sem qualquer restrição pandémica. A poeta Francisca Camelo acompanhou as famílias anfitriãs, semanas antes de abrirem as casas, na missão de recolher “memórias



Brinde “à amizade” de João Cavaz e Élia Pimentel, casal anfitrião da Casa Aberta

gastronómicas” que verteram para o livro-manuscrito “quem come por último – projeto ‘Casa Aberta’ a poesia é para comer”, uma compilação de receitas e poemas, com história e memória como ingredientes principais, que serviu de recheio à prometida performance protagonizada por cada família, junto à oferta da refeição.

“Nem sempre é fácil produzir poesia através de conversas. O objetivo foi perceber o que era a comida para estas pessoas, o que normalmente se aproxima daquilo que nos ensinaram a cozinhar – porque é que a avó fazia uma sopa de feijão tão grossa e dura? e aí já não estamos a falar de comida. Começamos a falar de quem deixa saudade, de como o que ia para a mesa era afetado pela pobreza do Estado Novo e da dura vida dos pescadores”, conta Francisca Camelo, ao JA, antes da apresentação do projeto aos 34 inscritos.

Brinde à amizade

A condução dos visitantes às casas foi feita por Vanessa Madail, do 23 Milhas, tarefa de que há muito se encarrega e parcialmente acompanhada pelo JA. Na caminhada pela informalmente apelidada como Rua das

Farmácias, chegamos ao casal João Cavaz e Élia Pimentel, onde os “jantares são sempre muito especiais”, antecipava a guia.

A moradia de 1942 apresenta-se com “um jardim muito bem tratado”, elogiava Vanessa Madail, e um interior com paredes cobertas de pratos comemorativos, fotos de família e livros na cabeceira do sofá. O aroma a comida convidava à entrada na sala de estar, onde estava posta uma mesa requintada, mas familiar, cenário para o brinde do sr. João “à saúde e à amizade e não digo mais nada”, deixando os olhos aguados e voz tremida falar sem palavras.

Quando saímos, já se cantava “Vinho do Porto” de Carlos Paião, também ele ilhavense. No Beco Arrais Piorro, a poucos metros, o presidente da Câmara Municipal, João Campolargo, e o vice-presidente João Semedo, erguiam os copos à comprida mesa preparada pelas famílias do sr. Ilídio, Tó Zé e Conceição e dona Júlia, com grandes tigelas de gravanço e iguarias diversas.

Como prometiam os pins alusivos ao Festival, foram três dias em que andou “tudo numa fona”.

Texto e foto: Beatriz Ribeiro

Pub.



Administração e Manutenção de Condomínios

Águeda | Albergaria-a-Velha | Aveiro | Ílhavo | Oliveira do Bairro | Vagos

Preserve os seus vizinhos e deixe os problemas connosco!

Albergaria-a-Velha
Rua 1º de Dezembro, Ed. ADAV, Loja AD
912 844 769 - 234 249 415 (chamadas p/ as redes móvel e fixa nacional)
acccondominios.albergaria@gmail.com

Ílhavo
Rua Vasco da Gama, Nº 16
968 811 809 (chamada p/ a rede móvel nacional)
acccondominios@gmail.com